

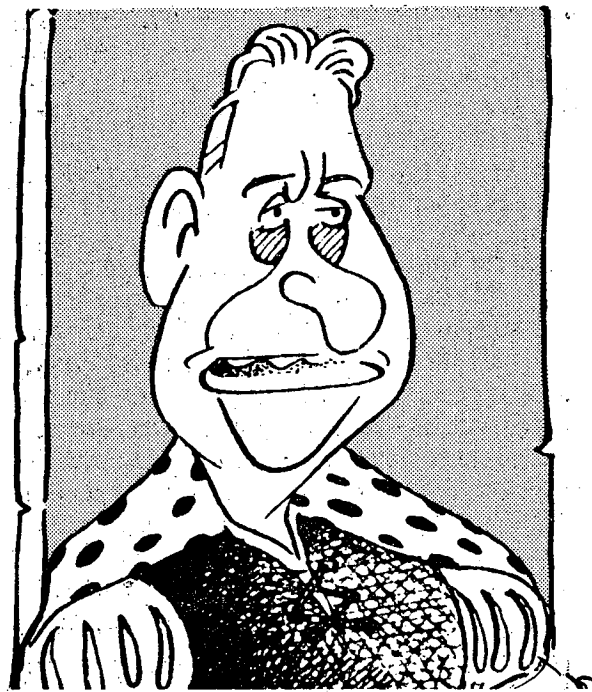
O Presidente

Cardoso põe fim ao tabu da sucessão

A tumultuada trajetória da República brasileira não deixa claro se o sociólogo Fernando Henrique Cardoso torna-se exatamente o 25º presidente do Brasil. Mas, certamente, com ele forma-se o 25º período do governo republicano. Isto porque um grande número de vices presidentes que assumiram — por morte, renúncia ou impedimento formal e informal do titular do cargo — contam como apenas um período de governo, embora, nestes casos, tenham sido dois os governantes. É o caso do governo

que se encerra. Eleito em 1989, Fernando Collor de Mello deu lugar — depois de dois anos de governo — ao seu vice, Itamar Franco. O período imediatamente anterior também foi marcado pela alteração brusca provocada pela morte do titular — Tancredo Neves — e a ascensão do vice, José Sarney. Mesmo no período militar — iniciado em março de 64 com o golpe contra João Goulart que ocupou a presidência em função da renúncia de Jânio Quadros — quando a ordem legal foi substituída pela “ordem unida”, não faltaram os transtornos. O exemplo mais típico ocorreu em 1968, quando o comando presidencial foi para as mãos dos ministros militares, em função da doença e, posteriormente a morte, do então presidente, o general Arthur da Costa e Silva.

Depois de ser guinado ao comando do governo, em função do bem sucedido processo de *impeachment* contra Collor, o presidente Itamar Franco quebra uma tortuosa rotina que se prolonga desde que Juscelino Kubitschek passou o governo a Jânio Quadros, em 1961. Além de passar o bastão dentro da tramitação constitucional, Itamar Franco conquista o direito



de figurar como o único presidente a fazer o seu sucessor. Ou seja, não entrega o poder a um adversário mas, sim, a um aliado. Acaba, assim, um tabu do processo das sucessões presidenciais.

O carioca Fernando Henrique Cardoso pisou pela primeira vez sobre os tapetes do poder como ministro das Relações Exteriores. A passagem foi curta. Logo, logo, Itamar Franco convidou-o para o ministério da Fazenda onde Fernando Henrique criou e implantou o Plano Real, mola mestra da derrota que impôs a Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, seu grande adversário na corrida sucessória de 94.

Cardoso assume o governo sob a égide da mudança. E, nesses dias, se houver tempo para compulsar a velha correspondência, pode reler a carta que recebeu, em março de 94, do ex-deputado José Gregori que, além da militância política, tem como melhor título o vínculo de amizade com o novo presidente. Ali transparece um saudável conluio armado há 12 anos: “...em 82, disse que nosso projeto era derrubar a ditadura, instaurar a democracia e, um dia em Brasília, mudar o Brasil”, escreveu Gregori. Se a conversa ainda valer, chegou então a hora.